

## **UM ESTUDO SOBRE FORMAÇÕES DISCURSIVAS E POSICIONAMENTOS EM CORPUS CONSTITUÍDO DE CONVERSAÇÃO ORDINÁRIA: AS CONVERSAS- ENTREVISTAS.**

Rosa Helena Blanco Machado (UNEB)

O conceito de formação discursiva se impõe como nuclear nos Estudos em Análise do Discurso de linha francesa. Originada em Foucault – A Arqueologia do Saber, o conceito foi retomado por Pêcheux que o introduz na AD, iluminado pela temática althusseriana e reajustado para atender os objetivos específicos da disciplina que se fundava naquele momento, na França, por suas mãos (e outros estudiosos). Na primeira fase da AD, a conhecida Análise Automática do Discurso AAD, não se fala em Formação discursiva e a expressão só vai aparecer mais tarde, quando já se caracteriza a 2ª. fase da AD.

Dificuldades são apresentadas nas análises com base na AAD, que previam e entendiam nos discursos estudados- os textos de arquivo, sobretudo políticos – uma homogeneidade de sentidos e significados, compondo, cada um, uma unidade fechada e sem perspectiva de pensar-se aí o diferente – isto é, aquilo que provocasse a ruptura de sentido.

À continuação das pesquisas e das reflexões em torno à disciplina AD, em seu próprio desenvolvimento, ocorre a introdução do conceito da FD e aos poucos, vai-se configurando mais nitidamente o arcabouço teórico da disciplina AD como ela é hoje

A transposição do conceito referido, dos estudos foucaultianos para o campo da AD, sofre algumas modificações, mostra-se mais ligado à questão ideológica e às questões de embates entre classes sociais. Para Pêcheux, a Formação Discursiva é aquilo que é possível ao sujeito dizer “a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”.

Segundo Maingueneau e Charaudeau (2004, p.241), o conceito de formação discursiva

permite, com efeito, designar todo o conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que se pode relacionar a uma identidade enunciativa: o discurso comunista, o conjunto de discursos proferidos por uma administração, os enunciados que decorrem de uma ciência dada, o discurso dos patrões, o discurso dos camponeses etc; basta postular que para uma sociedade, um lugar, um momento definidos, somente uma parte do dizível é acessível, que este dizível forma sistema e delimita uma identidade.. Tal plasticidade empobrece essa noção. Hoje tende-se a empregá-la sobretudo para os posicionamentos de ordem ideológica; também se fala mais facilmente de “formação discursiva” para discursos políticos ou religiosos, do que para o discurso administrativo ou o discurso publicitário.

Não pretendo discorrer sobre as diferenças e semelhanças entre as apresentações do conceito em Foucault e em Pêcheux nem deter-me no exame teórico destes conceitos em separado. Interessa-me verificar se é até pertinente falar de Formação Discursiva quando se faz análise do discurso de qualquer discurso, isto é, de qualquer evento discursivo.

No meu caso, particularmente, adotei até agora como corpus de estudos do discurso entrevistas – ou conversas – com pessoas mais jovens e mais velhas, homens e mulheres, todas elas marcadas pelo traço da pouca ou nenhuma escolaridade, provenientes de grupos populares da sociedade, com baixo poder aquisitivo, que se manifestam mediante uma solicitação nossa, em entrevistas previamente planejadas e orientadas por um roteiro de questões que pretende eliciar no sujeito suas posições em torno a temáticas que, essas sim, se caracterizam por uma identidade com os tipos de dados que vêm sendo trabalhados pela AD desde seus primórdios: as pessoas são questionadas sobre suas compreensões em torno às significações que trabalham com temáticas relativas às instituições de funcionamento da sociedade, tais como escola, polícia, religião, família, sociedade e outras práticas

culturais: como se faz o lazer, a educação das crianças, o papel do homem e da a mulher na sociedade, a questão do idoso em nossa sociedade, as eleições/a participação política, o trabalho.

É verdade que não é comum encontrar trabalhos que se interessem por dados como esses com que lido e que se proponham à sua investigação tendo como referencial a Análise do Discurso conhecida como de linha francesa. Por outro lado, entendo que são legítimas falas, eventos discursivos de uma camada da sociedade geralmente não ouvida, mas da qual se espera um comportamento discursivo igualmente relevante, no sentido de se apreender aí o modo de inserção da história e da ideologia na língua e como isso se realiza no discurso praticado por estes segmentos populares em meio a uma sociedade profundamente desigual, sob diversos pontos de vista.

Motivada por essas curiosidades e inquietações sobre o funcionamento da língua, na perspectiva da Análise do Discurso, muni-me destes procedimentos já referidos e obtive uma grande massa de dados aí disponíveis e se oferecendo para o estudo.

## **1 O gênero de discurso estudado e as condições de produção de sua emergência: como são os nossos dados.**

Os estudos em AD francesa, em geral, se fazem sobre práticas discursivas das quais se pode dizer que têm uma forma institucionalizada bem marcada: são textos religiosos, políticos, publicitários, jornalísticos. Nesses casos, pode-se prever bastante bem a aplicabilidade do conceito de Formação Discursiva gerando bons resultados.

O conceito de Formação Discursiva permite um conforto, sim, nas análises, ao possibilitar ao analista estabelecer uma rede de ligações entre os dizeres encontrados na superfície discursiva e as posições enunciativas que permitem aqueles dizeres. Isto é, permite compreender as possibilidades de sentido que ali são operacionalizadas. Se se trabalha com gêneros textuais de perfis sócio-políticos bem marcados e inseridos em quadros institucionalizados, então, sem dúvida, o uso e a aplicação do conceito se mostram bastante proveitosos. Quando, porém, os *corpora* que se estuda têm os contornos que acabei de configurar, a utilização da noção de FD parece levar a situações de pouco aproveitamento do poder de explicação e interpretação do conceito referido, por um lado; ou, de outro, à idéia de que sua utilização não leva a grandes compreensões do que diz aquele material lingüístico-discursivo.

Em presença de dados como os nossos, a impressão maior é a de estarmos diante de um grande mosaico de exposições enunciativas, a respeito de determinados conteúdos sem que necessariamente se configure uma Formação Discursiva em especial.

Há de se considerar aqui algumas questões que talvez expliquem essa impressão de fragmentação da FD que acabo de referir e que, mais uma vez, tem a ver com o tipo de dados com que trabalho. Mas não apenas com isso. Trata-se das condições de produção de emergência do discurso e, também, do gênero de discurso que aí se pratica: a entrevista. Não se trata de uma entrevista nos moldes das que se fazem com pessoas importantes e projetadas na sociedade, que devem dar seus depoimentos sobre quaisquer que sejam os fatos. Aqui, o que se tem é um momento de interação verbal entre um pesquisadora de diferenciado nível escolar, e uma pessoa do povo que vai-se prestar a colaborar com aquela pesquisadora em sua empreitada. As entrevistas são feitas em geral, no próprio ambiente de trabalho do entrevistado, em seu cotidiano e cercado de sua gente. Que gênero de texto é esse? Certamente, não deve ser confundido com a entrevista descrita mais ao alto, com pessoas que, de algum modo, se projetam na sociedade e que devem, através da entrevista, se posicionar diante de determinados acontecimentos, que se observa no gênero jornalístico.

Com se pode ver nas passagens que apresentamos a seguir, o nosso interlocutor da entrevista, ao ser solicitado a se posicionar diante de tal questão temática, sabe que poderá dar, dizer sobre o perguntado somente o que lhe seja possível, quer do ponto de vista da informação sobre o assunto, quer do ponto de vista do que ele entende ser ali o seu papel. Essas pessoas dão uma idéia do como compreendem as noções a respeito das quais são perguntadas – de família, educação moderna, velhice, religião e outras. Apresentam seus sentidos e defendem suas posições.

Maingueneau e Charaudeau (2004) falam da crescente demanda na exploração da categoria de “posicionamento”, tratada pelos autores como “uma das categorias de base da Análise do Discurso e que diz respeito à instauração e à conservação de uma *identidade enunciativa*”. Falam em seguida de dois tipos de “posicionamento”: o posicionamento que define mais precisamente uma identidade

enunciativa forte (o “o discurso do partido comunista de tal período”), um lugar de produção discursivo bem específico e um “posicionamento para identidades de fraca consistência doutrinal (um programa de televisão, uma campanha publicitária).”

Embora não estejamos com dados lingüístico-discursivos que configurem, tipicamente, nem o primeiro nem o segundo dos tipos de posicionamento exemplificados, acreditamos que o entendimento e a aplicação do conceito de Posicionamento são mais produtivos e colaboram melhor para o entendimento dos significados, na análise de dados como os que temos, as entrevistas-conversas.

Vamos ver em seguida algumas passagens destas entrevistas e esclarecermos melhor porque se faz interessante a utilização do conceito de Posicionamento, em vez de usar o conceito de Formação Discursiva, um conceito nascido para lidar com unidades de significação bastante sofisticados, isto é, que transcendem o trabalho com a língua e o discurso na conversa cotidiana de todos os dias, tal como se apresentam os nossos dados.

A produção destes eventos lingüísticos-discursivos se faz a partir do convite da pesquisadora ao interlocutor, previamente selecionado como o sujeito com o perfil desejado de pessoa de classe popular, baixa escolaridade e que reside e trabalha em locais menos cuidados pelos poderes públicos. E a entrevista-conversa acontece no próprio local de trabalho do entrevistado, sendo muitas vezes interrompida pela chegada de outras pessoas. Deve-se dizer que mediante os convites da pesquisadora, uma estudante de Letras, proveniente de classe média baixa da sociedade soteropolitana, em atividade de Iniciação Científica, essas pessoas sempre se mostraram dispostas a colaborar com o trabalho que se estava realizando, mesmo que às vezes não compreendessem as finalidades de tais questionamentos, dos quais tomavam conhecimento, de modo geral, antes de se porem ao gravador.

Vejamos um excerto de uma das nossas entrevistas, realizadas com um homem de cerca de 50 anos que trabalha na prefeitura, fazendo a limpeza das ruas. Após um breve tempo em que se discorre sobre a profissão/ocupação do entrevistado, a pesquisadora pergunta:

— **E qual é sua idade?**

— Quarenta... vou fazer quarenta e oito agora. [...] que eu tenho 47, mas agora no dia 15 de janeiro, a folhinha está aqui (pega a folhinha em cima da mesa) no próximo domingo a oito eu tou fazeno 48 anos.

— **Parabéns, antecipado (risos)**

— Aqui ó (mostra a folhinha), dia 15... é, é, é...eu tou fazeno 48, certo?

— **É bom que é num domingo.**

— É um dia de domingo, é... hoje o chefe chegou dizendo aí dizendo assim prá mim: “olha, seu Wilson, o senhor, acho que o senhor está no plantão domingo. Aí eu chamei ele e “ meu chefe, eu não me recuso trabalhar de maneira alguma, mas só que domingo a oito [dias] eu to fazeno aniversário, não dá prá o senhor botar outra pessoa em meu lugar não e depois eu tirar o plantão daquela pessoa não?” Aí ele disse: deixa eu ver sua identidade aí, porque os cara mente assim para não querer trabalhar né, aí eu mostrei a identidade e ele disse: “é, tá liberado”.

— **[risos] Aí é bom**

—[risos]Aí é bom, mas todo mundo precisa da gente é só pedir (...) nunca diz não, pode ser de noite, pode ser de dia, nós sempre ta ali colado, então quando nós precisar também, e ele tá vendo que... o dia... do seu aniversário é aquela data meio especial né ...

— **É.**

— É aquele negócio mais ...certo...

— **comemorado...**

— Né isso?Não é dia de você (...) tá trabalhando prá ali, prá aqui, se acabando, mas se ele dissesse assim a mim: “não tem outra pessoa”, eu ia, cê sabe disso? que eu ia? Por que? Eu não vou mentir a sua pessoa, eu dependo do meu trabalho.

—**E o senhor gosta de seu trabalho?**

— Gosto, gosto do meu trabalho, gosto mesmo, gosto e vou e sempre peço a Deus todos os dias, quando eu venho trabalhar, de noite quando eu vou rezar, eu sempre peço a Deus muito obrigado pelo que o senhor fez comigo, é... eu sou

muito agradecido e de meu emprego só quem me tira é Deus mesmo é... porque eu curto, eu brinco, eu, eu, tudo o que eu tenho é do meu trabalho, tudo o que eu tenho é tudo esforço do meu trabalho, tá entendendo? Se eu tenho minha família, depende de mim e eu dependo do meu trabalho prá manter eles tudo, tá entendendo, se eu não trabalhar, se eu não tivesse assim meu emprego fixo como eu tenho, talvez hoje eu não era nem assim como é que eu sou, tá entendendo? E do jeito que tá a dificuldade hoje, não tá brincadeira não, você estuda tanto e não tem espaço.

— **É, com certeza...**

— É menina, você estuda e gasta tanto e não tem campo para você se desenvolver aquilo que praticou, eu... não

— **E até que série o senhor fez?**

— 7ª. Série (risos). 7ª série e vou voltar, vou voltar agora esse ano vou voltar que eu vou tirar o ginásio que eu quero crescer junto com a empresa (...) que nós tivemos reunião no... mês passado e as conversa lá foi boa, me agradou as conversa, que lá (...) as pessoa pode ter chance, é só estudar, então eu vou querer voltar agora e vou entrar com força total, vou entrar com força porque eu quero tirar o ginásio aê agora, aê, o segundo grau eu vou fazer o curso aí que eu quero... crescer também dentro da empresa, se tá todo mundo crescendo...

Se pensarmos em termos de formação discursiva para compreendermos a posição sujeito a partir de onde este interlocutor fala e de onde se inscreve, dentro da formação discursiva sobre o trabalho humano em sociedade, diremos que estamos diante de uma enunciação que mostra, através de itens lexicais como ‘gosto’, que o sujeito se posiciona como talvez a forma sujeito de uma FD que legitima, enaltece a idéia de que o trabalho, qualquer que seja ele e como se dê, isto é, com sacrifício, muito suor e dificuldade é algo que dignifica o homem, indispensável para que o ser humano possa viver com dignidade e dar dignidade a sua família: ‘se eu não trabalhar, se eu não tivesse assim meu emprego fixo como eu tenho, talvez hoje eu não era assim como é que eu sou, tá entendendo?’

De onde fala esse sujeito? Podemos entender que, dentro da formação discursiva de trabalho e emprego, o que ele nos diz se inscreve mais na posição do patrão e não do empregado: “... vou voltar (a estudar) agora esse ano, vou voltar que eu vou tirar o ginásio que eu quero crescer junto com a empresa (...) que nós tivemos reunião no mês passado e as conversa lá foi boa, me agradou as conversa, que lá as pessoa pode ter chance, é só estudar, então...” Os sentidos aí trabalhados em torno a trabalho e emprego ressaltam sempre a necessidade e a importância de o homem/a mulher estarem engajados em uma atividade, de modo a que possam se manter, e a sua família, com uma vida digna.

Em conversas como essa, instituídas entre duas pessoas que se dispõem diferentemente na sociedade — a pesquisadora/interlocutora e o entrevistado, a primeira uma estudante universitária, proveniente de camadas médias da sociedade; o seu interlocutor, pouco escolarizado, também proveniente de níveis populares da sociedade, ambos representantes de grupos de baixo poder aquisitivo — não há antagonismos nem instâncias enunciativas ideologicamente atravessadas, como se verificam em instâncias enunciativas abundantemente estudadas na Análise do Discurso como o são a mídia, de modo geral, a publicidade, os discursos políticos, por exemplo.

As formulações aí encontradas não têm o apelo da caracterização da formação discursiva tal como ela é descrita e pensada na Análise do Discurso. Mesclam-se neste momento, por exemplo, dizeres provenientes da religião, da moral e da família, todos arrolados por este sujeito, que deste modo marca muito mais um Posicionamento do que uma posição-sujeito de empregado, dentro da formação discursiva do trabalho e do emprego, ou de uma posição-sujeito de patrão, quando diz desejar “crescer junto com a empresa”.

O gênero do discurso, as condições de produção do discurso, que se apóiam fortemente sobre o jogo das formações imaginárias descritas por Pêcheux — aquelas entre os interlocutores e com aquilo de que falam — contribuem para a constituição de discursos pouco marcados em suas faces doutrinárias e/ou institucionais, sócio-politicamente concernidos.

A este tipo de dado não se interpreta, sem um tanto de desconforto, recorrendo ao dispositivo da Formação Discursiva. Os dizeres trazidos não desenham, com nitidez, os contornos de uma unidade

de sentido a que se pudesse chamar de Formação Discursiva como se apresenta nos estudos em AD. Como já vimos antes. Outros exemplos a serem mostrados deixarão mais evidenciado este traço das nossas conversas-entrevistas. O momento de interação sócio-verbal entre esses sujeitos pode revelar algo sobre onde se aninha, de fato, o nosso sujeito, isto é, como nasce aquele sujeito interpelado em algum ponto da formação discursiva configuradora das significações ali eliciadas e de algum modo trabalhadas; e sem dúvida auxilia a pensar a semântica do discurso para fora das habituais concepções de significação e sentido emprestadas ao estudo da língua.

Por outro lado, na comparação com os vários estudos que se têm em AD, desde o seu momento inicial até mesmo os dias de hoje, no enfrentamento com dados como estes, o analista, ao proceder o levantamento do discurso sob o texto, a constituição do corpus discursivo de análise, este que se faz num movimento incessante do princípio ao final da análise, no recorte que lhe dá, verifica que é outra a realidade discursiva aí posta: o jogo entre o dito e não dito, as “artimanhas” do sujeito enunciator, assumindo a posição-sujeito no qual se viu interpelado pela ideologia, no seio da formação discursiva em questão, aqui não se oferecem da mesma maneira para a análise, posto que não há uma preocupação em se desenhar doutrinariamente a questão do trabalho em sociedades de classes, como a nossa, nem parece concernir a esta prática discursiva as atividades de negociação de sentidos entre esses interlocutores, neste momento particular de interação sócio-verbal. Os interlocutores conversam, trocando impressões, digamos assim, a respeito destes assuntos, alguns bastante marcados institucionalmente, mas não se põe como uma das condições de produção essenciais para a conversação, a negociação de sentidos em torno a essas temáticas. Não havendo isso, não há também como propor ou como esboçar as fronteiras das formações discursivas ali trazidas, o que se faz geralmente pelo embate entre o dito e o silenciado, entre os dizeres vindos à tona e aqueles que ficaram no interdiscurso da formação discursiva, em cuja posição o sujeito do discurso se fixa para falar, no percurso metodológico da análise do discurso dos dados observados.

Uma outra conversa-entrevista, agora entre a mesma pesquisadora e uma senhora que ‘trabalha no ramo do comércio’, um bar, vende comida, faz geladinho e coisas do tipo. Tem 46 anos e fez até a 4ª. ou 5ª. série do primeiro grau. Nos momentos iniciais da entrevista-conversa, são feitas perguntas relativas a sua identidade, até que começam as questões pivô da entrevista:

— **E... sobre o papel do homem e da mulher, antigamente as mulheres não podiam trabalhar fora, hoje em dia já podem, o que a senhora acha sobre isso? Acha que... que a mulher já conseguiu o seu espaço na sociedade?**

— Isso é um tabu que já deveria ser quebrado há muito tempo, mas graças a Deus... mas chegou. Mulher, lugar de mulher não é na cozinha, lugar de mulher não é só dentro de casa, a mulher ela tem espaço em todo lugar, ela tem espaço na cozinha, ela tem espaço dentro de casa, ela tem espaço numa grande empresa, até mesmo na presidência... não existe mais isso de mulher é ‘mulher só na cozinha’, não... isso não existe mais, graças a Deus que caiu na real, lugar de mulher é na sociedade, é na cozinha, é no quarto, é no corredor, é em todo lugar [risos].

— **Em todo lugar... E a senhora acha que só... que as mulheres conseguiram realmente essa expansão? A senhora acha que as mulheres conseguiram vencer esse tabu?**

— Olha, totalmente não, mas de cem, oitenta por cento já. (...) É, graças a Deus que já evoluiu muito, muito, muito, muito, muito... e as pessoas estão começando a valorizar mais as mulheres, tão começando a valorizar mais o direito que cabe a cada um, entendeu? E isso é muito bom, as pessoas tão se conscientizando mais.

— **E a senhora é um exemplo de uma mulher trabalhadora, né, que busca...**

— É, eu busco.

— **A senhora acha importante o trabalho?**

— Acho, acho, eu não consigo, eu não consigo viver sem trabalhar, eu não consigo, eu acho que o trabalho é a... liberdade, o trabalho é a esperança, o trabalho é mais uma fase de maturidade que a pessoa tem, porque se o jovem, ele não trabalha, ele tem a mente vazia, ele tem o tempo livre prá fazer até as coisas errada, como acontece aí, que a maioria faz porque quer fazer, mas também a maior parte

faz porque não tem uma chance de trabalho, não tem espaço para ser ocupado com coisas úteis e aí faz coisas que não deve, faz coisas erradas, muitas vezes por uma falta de atividade também, entendeu? Eu não acho de acordo que o menor não pode trabalhar [...] eu acho de acordo o menor ele ter o seu espaço de trabalho, ter sua hora vaga no colégio, de um curso, de tudo que...seja uma maneira de formação, entendeu? Mas.... como tem essa lei aí que menor não podia trabalhar, não [...]. Mas tá errado, menor tem que trabalhar, porque ele tem que aprender a ter responsabilidade, ele tem que ter gosto, ele tem que ter gosto pelo trabalho, ele tem que se... encaixar no trabalho para que ele aprenda a valorizar o trabalho, a sociedade, como ser humano, como pessoa, entendeu?

No trecho, começa-se por um trato sobre os dizeres em torno á condição feminina; em seguida, o entrevistado, perguntado, envereda também pelo discurso do trabalho, neste misturando questões de educação do jovem menor do ponto de vista da Lei e questões da ocupação do jovem na sociedade.

A produção deste tipo de texto se forja na realização da entrevista, que contempla questões feitas por um sujeito interlocutor a outro, o qual se submete à prática como um sujeito que tem algo a dizer sobre sociedade e seu funcionamento. E esta é sem dúvida uma finalidade do ato de interação sócio-verbal que ali se realiza. Uma identidade enunciativa tão somente ali se configura, a do sujeito entrevistado, e esta identidade se vai criando a partir de sua exposição enunciativa em torno a questões como as já colocadas, as quais, em conjunto, podem dar uma boa dimensão da participação daquele sujeito nas instâncias de funcionamento da sociedade e nas suas práticas lingüístico-discursivas.

Ao interlocutor não se opõe qualquer traço de resistência, nenhuma tentativa de ruptura dos sentidos por ele desenvolvidos em sua fala.

Embora a intenção da pesquisadora tenha sido mesmo a de eliciar respostas sobre essas questões tão marcadas do ponto de vista das instituições e das práticas sociais, não se trata de verificar, a partir do tipo de dado produzido, os embates dentro das possibilidades do dizer e de poder dizer, na sociedade, em torno a estes conjuntos de significações que norteiam o funcionamento e ação das pessoas.

## A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Da totalidade de seis conversas - entrevistas realizadas, na maioria delas os sujeitos entrevistados têm comportamento semelhante ao aqui apresentado nestes dois fragmentos, isto é, são generosos em sua exposição, apresentam seus entendimentos sobre as questões feitas e defendem seus pontos-de-vista. Marcam sua identidade enunciativa de modo claro, apontando, descrevendo valores de referência pelos quais se pautam na lida da vida cotidiana com a língua e a história.

Voltando a Maingueneau e Charaudeau (2004), no verbete sobre a categoria do Posicionamento, os autores falam, como já se viu, sobre as suas duas modalidades de manifestação, por eles apresentadas como de “identidades enunciativas fortes, de que já se falou anteriormente, e “identidades enunciativas fracas” em que

... o posicionamento corresponde à posição que um locutor ocupa em um campo de discussão, aos valores que ele defende (consciente ou inconscientemente) e que caracterizam reciprocamente sua identidade social e ideológica (p. 393).

Os autores dão como exemplo deste tipo de posicionamento o que se tem em “um programa de televisão, em uma campanha publicitária etc”. Semelhante aos comentários dos autores sobre as manifestações dessas identidades enunciativas é o que se observa também em nossos dados, quando o sujeito entrevistado explicita suas posições, a preferência por tais valores e não outros, configurando sua identidade social. É disso que trata as nossas entrevistas-conversas. Por isso, entendemos que é melhor optar por estudar aí os

Posicionamentos dessas identidades enunciativas, que neste caso, se configuram como de *fraca consistência doutrinal*, em discursos com formulações que remetem a dizeres e a possibilidades desses dizeres, constituídas a partir de um quadro institucional de fracos matizes.

## REFERÊNCIA

CHARADEAU P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo, Editora Contexto. 2004